

A. Rey Colaco • 1921 •



ILUSTRACÃO
PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações

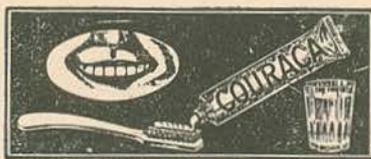
Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.ª L.ª**

R. Nova do Almada, 6. 2.ª

Telefone 2536

LISBOA



Pasta dentifrica

COURAÇA

M. B. B. Teixeira

230, RUA DE S. BENTO, 236

TELEFONE 1364 — Central

LISBOA

Maquinas e Acessorios

Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**

Pedir preços, orçamentos a

O. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Estabelecimento destinado exclusivamente ao tratamento de senhoras e crianças

Directora: — **MADAME CAMPOS**

Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra. — Diplomada com frequência em massagem **MEDICA ESTETICA**, pedicure, manicure e tintura de cabelos, pela Escola Francesa de Paris d'**ORTOPEDIA E MASSAGEM**. — Ex-massagista assistente do Hotel Dieu, de Paris. Antiga professora diplomada inscrita e premiada em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista e Socia efectiva de diferentes Sociedades Scientificas, etc., etc.

AVENIDA DA LIBERDADE, 23-A

Telefone

Endereço telegrafico

Estabelecimento unico no genero em Portugal e o mais important: da Península

3641 — C.

BELEZAK

Esthetica Feminina

Tratamentos de Beleza pela Electricidade aplicada sob todas as suas formas

Massagem medica, esthetica e higienica, manual e combinada de electricidade, massagem vibratoria e pneumatica

Produtos Rainha da Hungria

Pó de Talco Rainha da Hungria — Contra a vermelhidão, erythemas, urticaria, calor, congestão do rosto devido ás perturbações da circulação, pruridos, eczemas, impetigo, erythemas das crianças gordas, etc.

Sabonete Rainha da Hungria — O mais delicioso e perfumado.

Creme Rainha da Hungria — Deliciosamente perfumado.

Pó Rainha da Hungria — Extracto para assetinar e aveludar a pele.

Agua Rainha da Hungria — Limpa e fecha os poros e evita os pontos negros.

Pó de Arroz Rainha da Hungria — Magnifico para a pele.

O catalogo illustrado desta Academia envia-se a todas as pessoas que o requisitem mediante a importancia de 1\$00

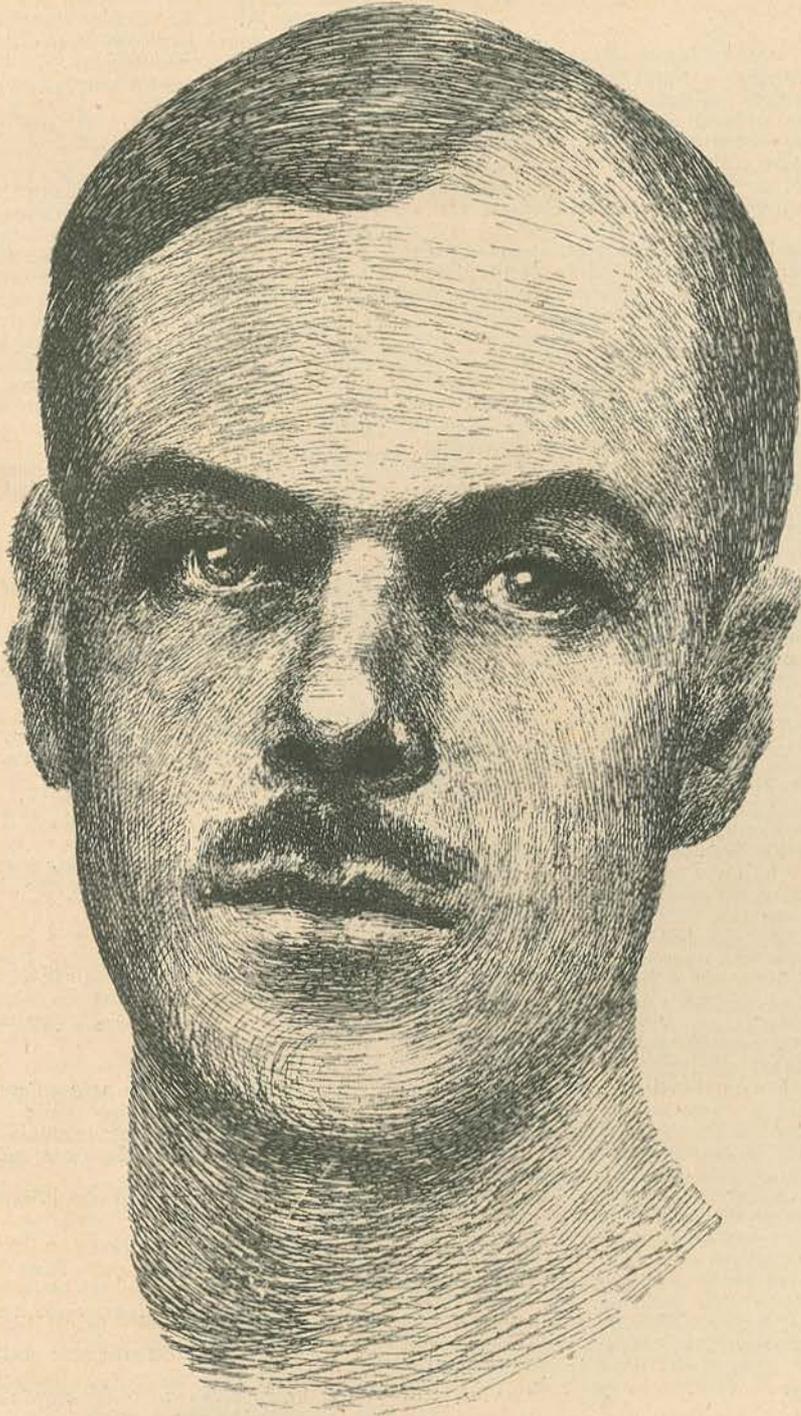
N' venca em todos os bons estabelecimentos

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Avenida da Liberdade, 23-A

ILUSTRACÃO
PORTUGUESA



O POETA AFONSO LOPES VIEIRA

Retrato à pena, de JOAQUIM GUERREIRO

VEM AÍ O NATAL

VEM aí o Natal de Jesus e dos homens, o Natal das crianças, o Natal dos sorrisos, o Natal das lazeiras íntimas e acolhedoras, que é também o Natal das neves implacáveis e dos ventos cortantes a retalhar corpos mal abrigados e almas desamparadas, corpos e almas sangrando, arrocando, entorpecendo, perdendo todo o sangue até ao esgotamento e até á morte.

Vem aí o Natal e eu vejo-me ainda inconsciente e vacilante, no começo duma longuissima estrada, duma estrada sem fim, longa como uma agonia, fatigante como as recriminações duma mulher, estrada por onde o Destino me impele, subjugando-me inexoravelmente, mais que então a bem dita cegueira da infancia me ocultava, misericordiosa; vejo-me esperando também o Natal — e o Natal, por esse tempo, era para mim representado pelo gordo cevado, que na farta feira do mês, adquiria por uma chapeirada de moedas, nunca menos de dez, e que se rebojava com as suas doze arrobas. E o cevado, berrando grunhidos despedaçadores como protesto á crueldade do sovelão, em seguida chamuscado, pendurado em seu chaminé, desmanchado, dividido e sub-dividido, aproveitado em todas as visceras, misturado a olorosas especiarias, feito chouriços, morcelas, paioes, negritos, linguças, a curar ao fumeiro, a conservar na salgadeira, e, muito principalmente, a rechinar em torresmos, e a córar nas assaduras, tudo isso era festa, tudo isso era o Natal que eu já adivinhava pelas alturas dos Santos, do bolinho...

Fui andando, andando, lépido ainda, e conheci o Natal do peru, do rico peru velho a que eu assobiava ameaçando casa-lo com uma velha que o havia de matar. Durante muitos anos — mas aí! já tão distantes — lambi-lhe o mólho, lambusei-me com suas enxundias, saboreei-lhe o recheio de picado, a febra, a mitra, gosei-o em extases supremos, a troco de dois mil réis, quando muito, e habituei-me á ideia de que nunca me faltaria o peru nesta época, para solenismos de sociedade, um comendo, outro sendo comido, o nascimento do Salvador do mundo. Mas um dia veio a guerra europeia e com a guerra, a galinha.

A galinha foi para mim o Natal aqui atraz, destes últimos anos; era ainda uma ave digna de quem tão familiarmente tratara com porcos e perus, não igualando-os, bem se sabe, mas podendo ser considerada como sua sucedanea de gerarquia limpa, de sangue propicio a suportáveis cabidelas; ao seu custo, entre cinco e oito tostões, podia eu chegar economizando onze mezes em cada doze, com sacrificio grande, sem duvida, mas justificado e compensado largamente, porque do jantar de gala sobrava o almoço do dia seguinte e quiçá o jantar subsequente em *croquettes* e outras miscelaneas de facil deglutição. Eis, porém, as galinhas fóra do meu alcance e então, e agora, extenuado pela longuissima estrada, o meu Natal, o Natal que aí vem será apenas um ovo estrelado, obtido pelo preço recente das galinhas, que estão pelo preço dos perus, quando este era o dos porcos e o dos porcos o dos bois. E, no entanto, o que me preocupa não é o ovo deste Natal: é a lembrança daquilo que poderei comer no Natal do ano proximo...

ACACIO
DE
PAIVA

ALICE Rey Colaço, a feliz estiladora de alguns tipos populares portugueses, inicia hoje a sua colaboração na «Ilustração Portuguesa», com uma capa admiravel, sem duvida, um dos seus mais notaveis trabalhos. Alice Rey Colaço que é também uma das nossas melhores cantoras de *lieder* vai dar-nos a honra duma colaboração assidua. Os dedos de Alice Rey Colaço fixam a raça; a sua voz pede por ela... não há destino mais nobre.

GONZALES BLANCO, o illustre escritor espanhol actualmente em Lisboa, contou-nos, sem garantia de autenticidade, a seguinte anedota:

Blasco Ibanez, o escritor violento do «Sangue e Arena», numa das suas ultimas estadas em Lisboa, manifestou desejos de conhecer a obra de Columbano. Uma vez, no atelier do grande pintor, não sentindo a obra do mestre, não compreendo as suas côres discretas, Blasco Ibanez teve esta frase:

—Sabe o que devia fazer? Sair, sair desta casa, deste atelier sombrio, ir pintar ao ar livre, pintar com o sol...

Columbano teria respondido:

—Eu sei muito bem o que devo fazer... Chamar o meu creado e fazer sair o senhor...

MARIO SAA, um escritor novo de muito talento, manda agora com a inocente mania de descobrir judeus e cristãos novos em quantos se lhe aproximam. Vai ás vezes na rua a conversar, distraido, interessado, mas de repente pára e exclama:

—Lá vai outro judeu! — e já não há ninguem que consiga desviar-lhe d'ali a atenção.

Há dias subindo o Chiado com um amigo, olha um sujeito que ia a passar, estaca, fita-o com atenção e afirma:

—Até que emfim! Um godo! —

—Olha que é o Anahory do A B C... — diz-lhe o amigo.

—Ah, sim? Bem me queria a mim parecer! Um gordo, um gordo, é que eu disse!

NO ultimo numero da Ilustração, escapou uma gralha terrível nos versos de Fernanda de Castro intitulados — O Chiado. — A quadra que principia e fecha os versos:

*«Rua Garret» dizem as esquinas
Mas que importa o que dizem os letreiros,
Chiado velho, moço das meninas
Dos ourives, dos «teas» e dos livreiros.*

Recebeu a seguinte e não brilhante modificação:

*«Rua Garret» dizem as esquinas,
Mas que importa o que dizem os letreiros.
Chiado velho, moço das esquinas,
Dos ourives, dos teas, e dos livreiros.*

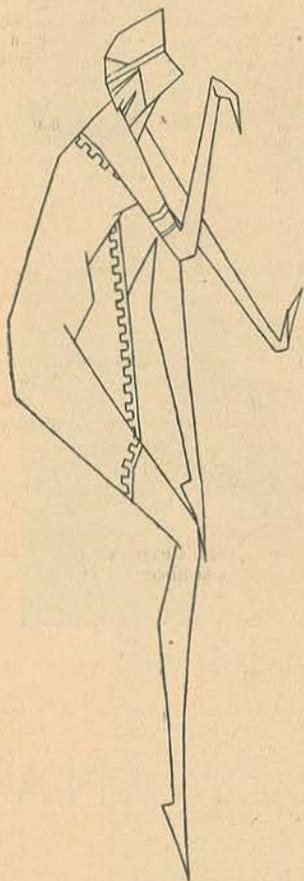
Não foi decididamente uma gralha feliz.

«Chiado velho moço das esquinas não é precisamente uma imagem poetica.

Emfim! Seja tudo em desconto dos nossos pecados. Perdoem-nos os leitores, como a poetisa nos perdoou com a seguinte frase modesta:

«Eu bem sei que é um grande frete ler os meus versos...»

BAILADO INCOMPLETO

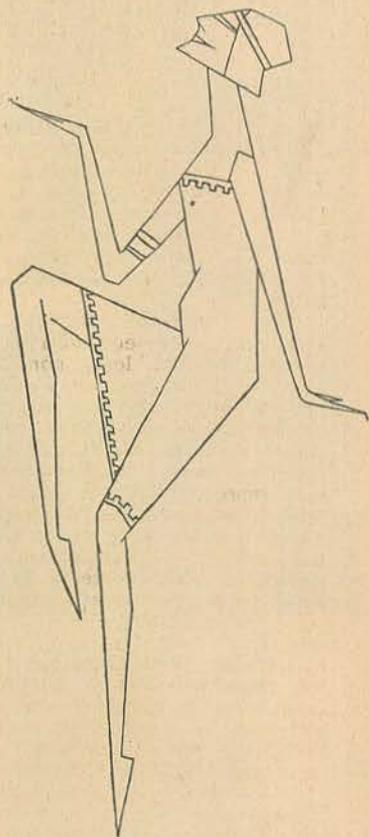


«écran» do seu corpo fugidio...

A bailarina não está só. Ela baila consigo, ela beija-se nos seus gestos, abraça-se nas suas atitudes... Nos seus bailados ha muitas bailarinas, nos seus bailados os seus braços, os seus dedos, os seus olhos, a sua boca, os seus cabelos — dançam como num palco...

A bailarina é a grande malabarista das linhas. Se falha alguma dessas linhas a bailarina ou desaparece ou embaraça-se como um novelo...

A bailarina foge, sente-se perseguida por ela propria, oculta-se, medrosa, no seu ritmo, procura dar ao seu corpo a forma dum bailado... As suas mãos são Pawlovas. Cada um dos seus pés é um Nijinsky doído... Ela não se resigna a ser humana. Ela quiere sair, a todo o custo, da fôrma que Deus lhe deu, como um rio impaciente quiere sair do seu leito... Pretende cinematografar-se. Ela triunfará quando nos seus braços houver a ondulação de mil braços, quando ela fôr o proprio



Deus, no corpo das bailarinas, escreve direito por linhas tortas...

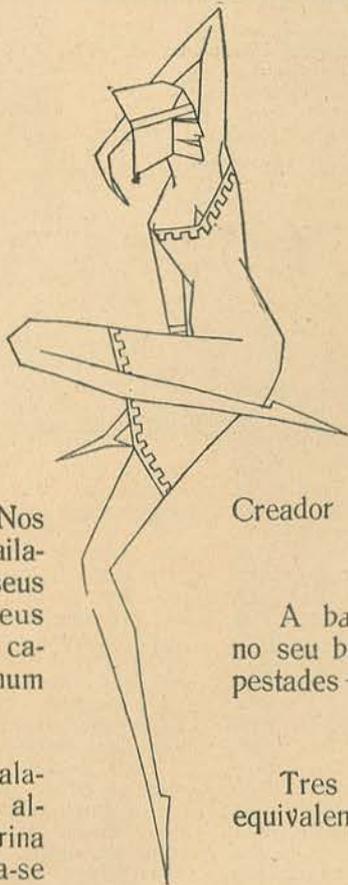
A bailarina não é um corpo, é uma ideia de Deus... As bailarinas são as «maquettes» do

Creador para uma nova Humanidade...

A bailarina está prestes a naufragar no seu bailado. Ha bailados que são tempestades — tempestades de Ritmo...

Tres posições da mesma bailarina equivalem a tres bailarinas...

ANTONIO FERRO





O poeta Afonso Lopes Vieira no seu gabinete de trabalho

A ENTREVISTA DA SEMANA AFONSO LOPES VIEIRA

A meia encosta do Castelo, pouca docemente a casa do Poeta, sobranceira á cidade como um eirado antigo donde se vissem partir, naus e caravelas. Afonso Lopes Vieira tem um relógio, um relógio de algibeira—o Carmo e um cachimbo que ele diz *ser coquette* e que todos os dias limpa, alinda, enche de tabaco, faz a *toilette*, com uma infinidade de pequeninos açós, que pousam numa caixa de marroquim.

Descemos uma escadaria; ha uma porta verde de ferragens que se abre; depois um corredor; outra porta e estamos em frente do *studio* de Lopes Vieira.

E' uma sala alta, vestida de livros antigos, duas ogivas á esquerda; mais duas á direita; sobre a porta uma arcaria. São estas as suas estantes. Ao meio uma meza que tem um relicario que Lourenço Chaves de Almeida forjou em ferro de Coimbra e que guardam os cabelos de Inez de Castro; lacre roxo, um lapis vermelho; outro azul; algumas folhas de papel onde em heraldica se abrem dois buzios—o braço do poeta. Ao fundo, um sofá, duas mezas com panos portugueses cheias de livros; um ramo de folhagem seco, a um canto; a outro duas tanagras empoeiradas; numa jarra um molho de crisantemos, roxos, de petalas languidas, já desvanecidas de saudade. Muito silencio, muito. A luz do candieiro é velada, palida, deixa em sombra os cantos do *studio*. Lopes Vieira ainda não veio da cidade, do «emporio do mal» como ele lhe chama. Mas ele não tarda, não—diz-nos alguém. Tudo

aqui, é muito recolhido, ar conventual que o tempo enche de cinza e em que o tempo è cinza. Lisboa, fica por detraz destas duas janelas, como um brazeiro de mil chamas. Passa uma hora.

...E o Poeta, entra. Vem do Libanio, da sua typografia, onde o «Em Demanda de S. Graal» se está compondo. A sua voz cansada de ritmo ergue-se, respondendo a uma pergunta nossa:

—Cuido muito dos meus livros. Em tempos tive uma ideia que o tempo matou...

O rosto do Poeta, está de perfil, cheio de sombra; os olhos desaparecem; só se vê o monoculo de aro de tartaruga de fio caído. Fita, o que tantas vezes já fitou, certamente: aquela ogiva arrancada a uma catedral, que sobe, sobe até ao teto em linhas esguias que lembram mãos em reza.

—A minha ideia? Era construir ali ao fundo do jardim um barracão verde, onde eu podesse compôr as minhas obras e tambem as de alguns amigos.

Para Lopes Vieira os amigos são tudo. E' para eles, um pouco, que escreve os seus livros.

—Quando escrevo abandono-me ao meu instinto e coloco-me em frente de Deus. Todo o artista deve trabalhar assim. Não, não lhe chame inspiração. E' uma palavra que já não tem o significado exato... Ofereço as minhas obras aos amigos; fico contente quando algum gosta delas...

—E se tem venda?

—Tanto melhor; correm mundo. Mas quando escre-

vo, nunca penso no publico. Todo o homem que o fizesse, seria um artista morto...

Na jarra os crisantemos são mais roxos, tombam petalas. O roxo — o Poeta não nos disse — é a sua côr predileta.

Roxos são os reposteiros da sua casa de jantar, roxo è o seu lacre; a tinta com que escreve os seus sonetos; o seu casaco de trabalho, em veludo, sem alamares; o seu braço de buzios, onde o poeta aprendeu a ouvir cantar o oceano que está acolá perto, talvez encantado no seu olhar, que por detraz daquelas ogivas, fita S. Pedro de Muel e o seu Camões, coroado de espinhos.

E a sua voz mais cançada de ritmo, leva-nos, por uma estrada de evocação, até lá:

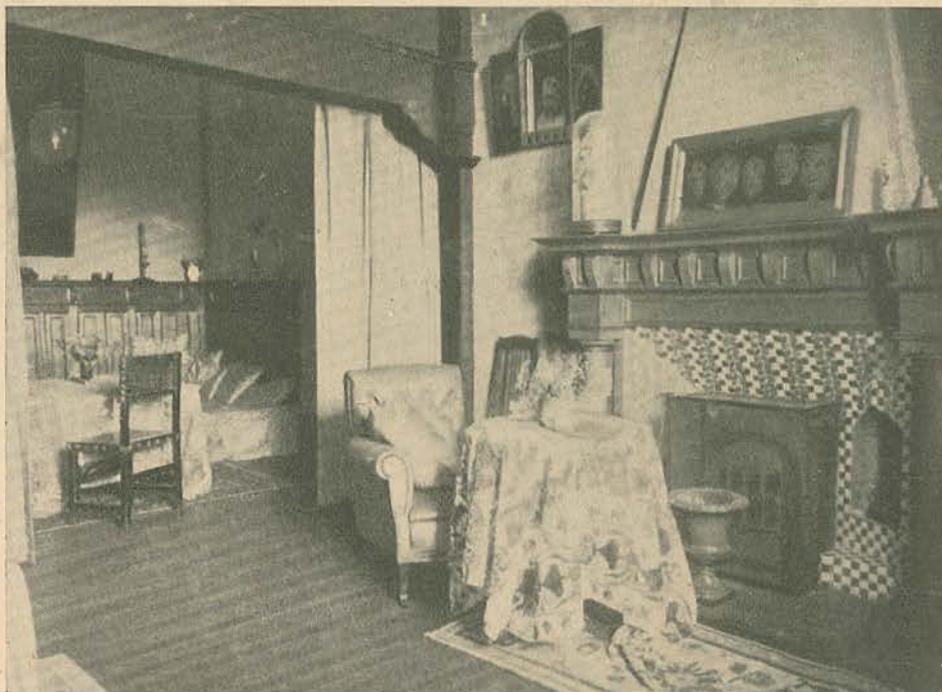
— Trabalho mais em S. Pedro de Muel, ás tardes,

... Mas esta palavra é tão odiosa! Não é da minha opinião? Foi ela que deu cabo do nosso patz...

«Um dia olhei para a minha pasta e vi-a cheia de manuscritos. Eram os meus dez anos de quixotismo pela arte, pela nossa lingua, pela musica, pelas industrias...

O Poeta continuava de perfil; esquecido de si proprio, talvez de nós, convivendo e dizendo com uma figura longiqua que é a sua arte que paira na sua voz, mais palida e mais cansada agora; velando os cantos do *stuido*, onde a sombra escorre apagando as côres, desmaiando as flores, tornando mais longe, mais distante, mais vaga, a mascara ennoitecida de Lopes Vieira. Agora fuma e diz:

— Gosto do povo, gosto sim. A palavra já está vi-ciada...



Uma sala de estar em casa de Afonso Lopes Vieira

ao serão. Aqui a rua instala-se comnosco, a cidade tem as suas cadeias...

— E como trabalha? Os seus versos...

— Ah! não! Eu não faço versos quando quero... Já disse isto numa cidade do norte... São os versos que vem bater ao meu espirito. E trabalho — sorrindo, sabe?

— Ficam logo duma forma definitiva?

— Não, não ficam. Trabalho-os, cuido-os muito... Quer vêr?

E Lopes Vieira mostra-nos as provas do «Em Demanda de S. Graal»... O texto está todo circulado de linhas roxas, lêmos um *amanhecido*, palavra alterada num final

— Este meu livro apareceu feito. São dez anos de palestras, de artigos, de conferencias... de discursos

«Do povo cristão que não sabe lêr... Tenho reparado que um homem do povo que não sabe lêr ao pé de outro que o sabe, exprime-se sempre melhor. A lingua é mais pura, mais rica. Se ele não sabe lêr? mas não me assusta... Teria mais pena se não soubesse cantar...

«Este meu livro é dedicado ao povo que não sabe lêr e ac *escol* dos artistas. E' para não dizê: *élite*... São os portuguezes constructores, aqueles que nesta hora de ruína, vão edificando a sua Arte. José de Figueiredo...

Falamos de livros, dos livros de poeta. Afonso Lopes Vieira, cuja alma o mar aformeceu, continua preso, na contemplação daquela ogiva, que se prolonga, sem duvida, numa *elegia*, até a Deus. Sempre de per-

fil, sempre. Sempre o monoculo a marcar sua elegancia. E a sua voz cansada de ritmo, observa:

—Tenho aqui muitos livros; não encontrará os meus. Não é que os não tenha... Compreende que não os julgo ainda.— Cala-se: Talvez o *Em Demanda de S. Graal* venha para aqui...

—No entanto, de todos os seus livros...

—As «Ilhas de Bruma» é aquele de que mais gosto.

D. Ignês e D. Pedro, a rainha foi encontrada por gente piedosa estendida no chão, cabelos louros desfeitos. Cortaram-lhe algumas madeixas... Uma delas está aí...

Abre a gaveta, tira duma caixa um papel empalidado pelo tempo.

—Vê... *Ai lhe mando os cabelos...*

—Mas esfume isto, ouviu? Esse relicario é a mi-



O poeta sentado no seu divan predileto

E para fechar, olhando o relicario onde estão os cabelos de Ignês de Castro:

—Como os obteve?

Afonso Lopes Vieira olha-nos surpreso. Tem uma hesitação.

—Mas para que dizer-lhe? Seria quebrar o *charme*.

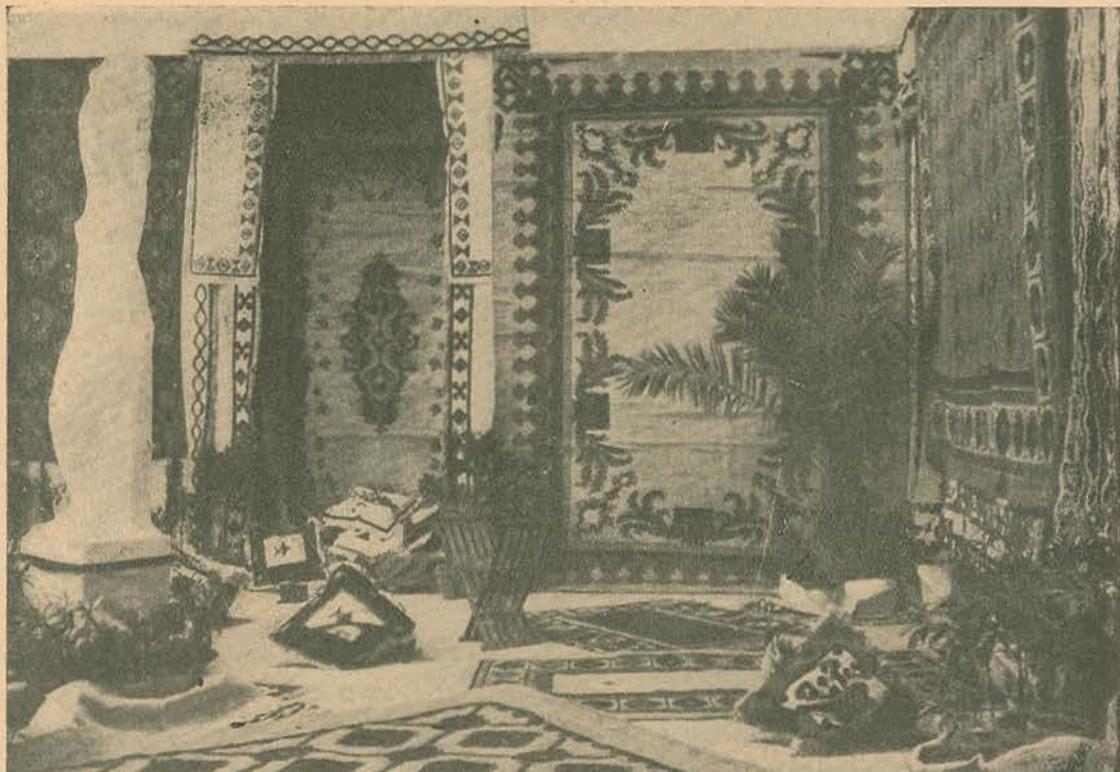
—Era tão interessante!...

—Quando os francezes arrombaram os tumulos de

nha unica joia... O motivo do desenho é tirado do sarcofago da rainha... Os brazões de D. Pedro e D. Ignês; as rosaceas; os quatro anjos goticos e a divisa: até ao fim do mundo...

ARTUR PORTELA

(Clichés Garcez)



Um aspecto da exposição de tapetes na Sociedade Nacional de Belas Artes

OS TAPETES DE BEIRIZ

BEIRIZ, uma povoação humilde a dois passos de Vila do Conde, uma povoação que ha dois anos não tinha logar no mapa de Portugal, Bieriz, aldeia perdida entre tantas, acaba de mandar a Lisboa uma profusão de alfomadas, de tapetes, que se encontram

em exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, onde quem quer os admira, onde os compradores afluem e os curiosos perpassam.

O hall das Belas Artes, na policromia alacre dos trabalhos expostos, lembra agora um jardim bisarro, em que um habil jardineiro se tivesse entretido a fazer combinações harmonicas das mais raras e exóticas cores. Em cada tapete um deslumbramento de cores. Vermelhos, roxos, azues, tons esbatidos, juntam-se harmoniosamente, formando perspectivas adoráveis.

Ha tapetes de todos os tamanhos: pequeninos, modestos, daqueles que as raparigas de Beiriz devem ter á beira dos seus leitos, tapetes de tamanho regular para as casas remediadas, tapetes enormes, sumptuosos, destinados a acariciar os pés da gente rica.

Mas em todos eles, nos grandes e nos pequenos, o mesmo sentido estético, a mesma justesa de processo, a mesma visão de côr.

Ha tapetes de Beiriz em que se revela a sugestão dos ingenuos motivos populares. Os lenços de Alcobaca, principalmente, forneceram assunto para desenhos de tapetes. Mas esses que a principio nos pareceram curiosos e até bonitos, ficam agora a perder de vista ao lado de tantos outros mais perfectos e mais decorativos. No hall de entrada, na parede maior, encontramos um tapete grande, copia perfeita duns azulejos que se encontram no Paço de Sintra;

na sala da esquerda, no chão, um D. João V; nas paredes, espalhados, reproduções fieis de velhos Ar-raioios; e, finalmente, muitos tapetes de generos diversos, genero inglês, genero alemão, e até se não me engano, a um cantinho, um ensaio de motivos arabes, em que já se nota uma grande justesa de colorido.

Mas se todos os tapetes são diferentes quanto ao desenho, em todos eles se observa a mesma riqueza, a mesma sobriedade, e principalmente a mesma frescura de tons.

A historia dos tapetes de Beiriz é uma historia simples, uma historia bonita que pode ser contada como um grande exemplo de coragem e de preservação:

«Ha pouco mais de dois anos, uma senhora que vivia no Porto uma vida futil, uma vida igual a tantas outras, perdeu repentinamente uma filha, a unica filha que tinha. Abalada a sua saúde; por este inesperado desgosto, resolveu refugiar-se em Calves, uma casa que tinha para os lados de Vila do Conde, uma casa enorme, à antiga portuguesa, situada em Beiriz, uma povoaçãozinha ignorada. Ali, na solidão amiga d'aquelas paredes velhas, entre a gente sã da aldeia, acostumou-se pouco a pouco à sua dôr.

Começou a interessar-se pela vida da gente pobre. Principiou a achar graça aos teares em que as mulheres de Beiriz teciam as suas mantas. Um dia quiz tambem tecer. Mandou fazer um tear igual aos que via por lá, chamou uma mulher para lho carregar, estudou, fez experiencias, estragou muita lã, e foi assim que das suas mãos inhabeis, inexperientes, nasceu o primeiro tapete de Beiriz.

Desde então tomou-a uma febre de trabalho. Começou a chamar raparigas para casa. Levantava-se

de madrugada, e envolta n'um chaile, com um gorro até aos olhos, ia para a oficina ensinar as raparigas. Os primeiros tapetes que se aprontaram eram apenas de 80 centímetros. Senão havia teares maiores. A industria dos tapetes de Beiriz era então mais do que rudimentar. Porém, pouco a pouco, vieram os aperfeiçoamentos.

Esta senhora de quem afinal me ia esquecendo de dizer o nome, — a sr.^a D. Hilda Brandão de Miranda — não se cançava de trabalhar, de estudar a maneira de introduzir melhoramentos nas suas oficinas. Começou a preocupá-la a escolha das cores a empregar. E' ela que dá os tons a todos os desenhos. Seu marido encarregou-se do aperfeiçoamento dos teares. Toda a parte tecnica lhe compete.

Ao fim de poucos meses de trabalho assiduo, já se faziam tapetes grandes emendados ainda, pois os teares, como já disse, não excediam 80 centímetros.

Um dia, porém, chegou a Beiriz o primeiro tear de 2 metros. Foi um alvoroço entre aquelas raparigas azougadas. Então a sr.^a D. Hilda Brandão de Miranda, que as estima a todas como irmãs, gritou:

— Qual é a rapariga de coragem que quer trabalhar no tear novo?

Uma, duas, tres, se apresentaram. Durante um mez teceram sem descanso. Finalmente, aprontou-se o primeiro tapete de dois metros. Foi uma festa. As raparigas quizeram deitar foguetes a celebrar o facto. Desde então quantos progressos!

Actualmente mais de duzentas raparigas se dedicam a esta industria florescente; os celeiros e as adegas de Calves, convenientemente adaptadas, abrigam enormes teares de 4 e 5 metros. Cada semana se tingem ali mais de 10 contos de lã.

Quanto esforço isto representa!

Falámos á sr.^a

D. Hilda Brandão de Miranda:

— As raparigas de Beiriz trabalham com prazer?

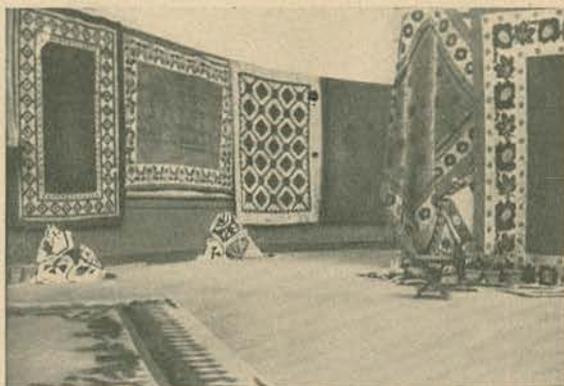
— Sim, não faz ideia... A febre dos tapetes, aumenta dia a dia... E' uma febre contagiosa. Ha dias fui dar com um dos meus pequenos a tecer uns tapetes

minúsculos nos teares em que se fazem as franjas das almofadas. Trouxe-os de presente ás pessoas amigas.

Efectivamente a febre dos tapetes é um facto. Surpreendi-me a invejar as cachopas de Beiriz; Sonhei-me em frente d'um tear bordando flores enormes.

A Senhora D. Hilda de Miranda continua:

— As raparigas de Beiriz são inteligentes e desembaraçadas. Hoje já não hesitam ante os desenhos mais dificeis. Quer ver a perfeição deste tapete?



Outro aspecto da exposição



Alguns exemplares de tapetes

der... Assim, eles percebem. Se eu lhe falasse de pétalas e de sepalas...

Conversámos mais uns minutos.

N'uma ligeira evocação, pairou por uns momentos no hall das Belas Artes, a alma boa, a alma linda da gente lá de cima.

Entretanto chegou a hora de despedir-me.

Todas as visitas teem fim e a minha já ia longa.

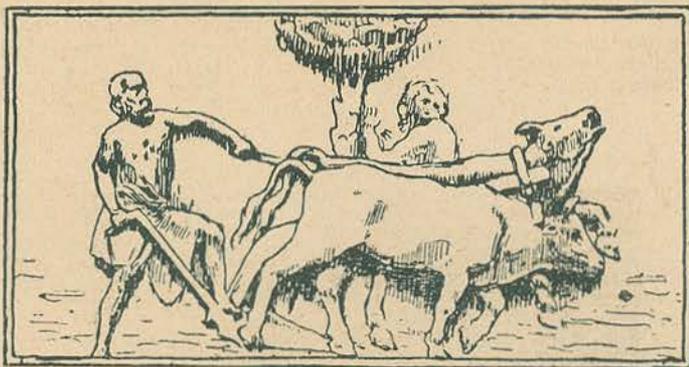
A' porta detenho-me ainda ante um monte de almofadas com os seus desenhos ingénuos.

«Trevo de Quatro Folhas» com o trevo muito verde; «Flores de Portugal» num cestinho de aza grande; «A Saudade é uma flor» com a saudade muito roxa e triste; e finalmente, dominando aquilo tudo, numa síntese, uma frase escrita a vermelho, sob umas cruz vermelhas: «In hoc

signo vinces». Olhei mais uma vez o «hall» endominguado e saí levando nos olhos um arco-iris de impressões.

FERNANDA DE CASTRO

(Clichés Salgado)



O F O R N O

AS vezes, noite dentro, em plena aldeia,
Surge da treva, assim como um vulcão,
Fundo rombo de fogo: um boqueirão
Maior, mais rubro do que a lua-cheia!

— Fogueira acesa, contra uma alcateia
De lobos estaimados? Ou, então,
Um lunaréu, de aviso a quantos vão
Nas ondas, sem enxêrga nem candeia?

Algum incendio? Não! O sino é mudo:
O povo dorme em santa paz... Comtudo,
O tumo sobe, recendente e mórno.

E corre a gente ao som da luz... — E' isto:
O pão dos homens e de Jesus Cristo,
Que sai da terra para entrar no forno!

Desenho de ANTONIO CARNEIRO

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA

Do livro «PAO NOSSO, ALEGRE VINHO,
AZEITE DA CANDEIA», a aparecer brevemente



INTERIORES

A CASA DO
TONIO DE



DE ARTE

SR. DR. AN-
MENEZES

O sr. dr. Antonio de Menezes, medico illustre e um raro espirito de Artista, autor de alguns notaveis artigos de critica literaria, tem em sua casa uma das mais belas demonstrações da sua fina sensibilidade. As tres fotografias que



hoje damos, na nossa serie de «Interiores de Arte», representam o distinto medico, um recanto da sua biblioteca, e um aspecto da casa de jantar, decorada por José Queiroz, plena de velhas faianças portuguezas.

(Clichés
Garcez)



Vista geral do Gerez

A natureza rasgando ciclicamente as estranhas de granito, abriu a ferida abrupta em cujo fundo escorre, como catadupas torrenciais, a seiva líquida da montanha.

A serpe scintilante ora abraça em caricias flexuosas os pés graníticos e escavados, ora cascadeia, rugindo, em saltos de prodígio nos despenhadeiros estrangulados onde a rocha grita as contorsões violentas das eternas torturas.

Do cimo do Monte a Vilar da Veiga, no seio do berço asperrimo talhado entre a sentinela levantina da Pedra Bela, a saudar os primeiros olhares do sol nascente, e o marco ocidental da Pereira, a receber-lhe, por despedida, os últimos raios moribundos, a torrente galga, desliza, canta murmurios doces ou uiva pragas de maldição até confundir-se, num amplexo sereno e fraternal, com o Cávado, sob as abobadas duma ponte que facilita a peonagem e viação, vinda de Braga e das terras vizinhas, saltar a pé enxuto as duas correntes, aqui já amainando as rias espumantes e oferecendo as leiras esmeraldinas a essencia vital da gestação fecunda.

A pupila extasiada sobe da água á montanha, e o milagre de imponencia e belesa dilata-se mais ainda. A serra chora a magua cristalina, fendendo a carcassa rugosa e tentacular, em mansos filetes de ritmo suavemente gotejante ou catadupando rajadas sonoras a ecoar nos fraguedos as tempestades intimas da luta dos dois elementos.

Seguindo o *talweg*, a mancha da casaria hoteleira das Caldas põe a nota da civilização na tonalidade agreste da cordilheira. E vivendo á custa dos prodígios do caudal dos morbos da figadeira, os hoteis mais ou menos abrasileirados, as hospedagens de clientela modesta de visceras gordas e carteira magra, labutam na quadra termal a par dos estabelecimentos de tinas e agulhetas, onde o aquista fiel vai completar a cura hidrologica para as miudezas avariadas pelas ares dos tropicos, os praseres do garfo e os venenos do Café.

Muito haveria que dizer, mesmo limitando a pena á pintura local e exclusiva das salutíferas Caldas. Mas o esboço é rapido e a visão extensa; portanto descrição fugaz e a traço sem paragens nem reto-

A

SERRA DO GEREZ

ques, quasi cinematograficamente.

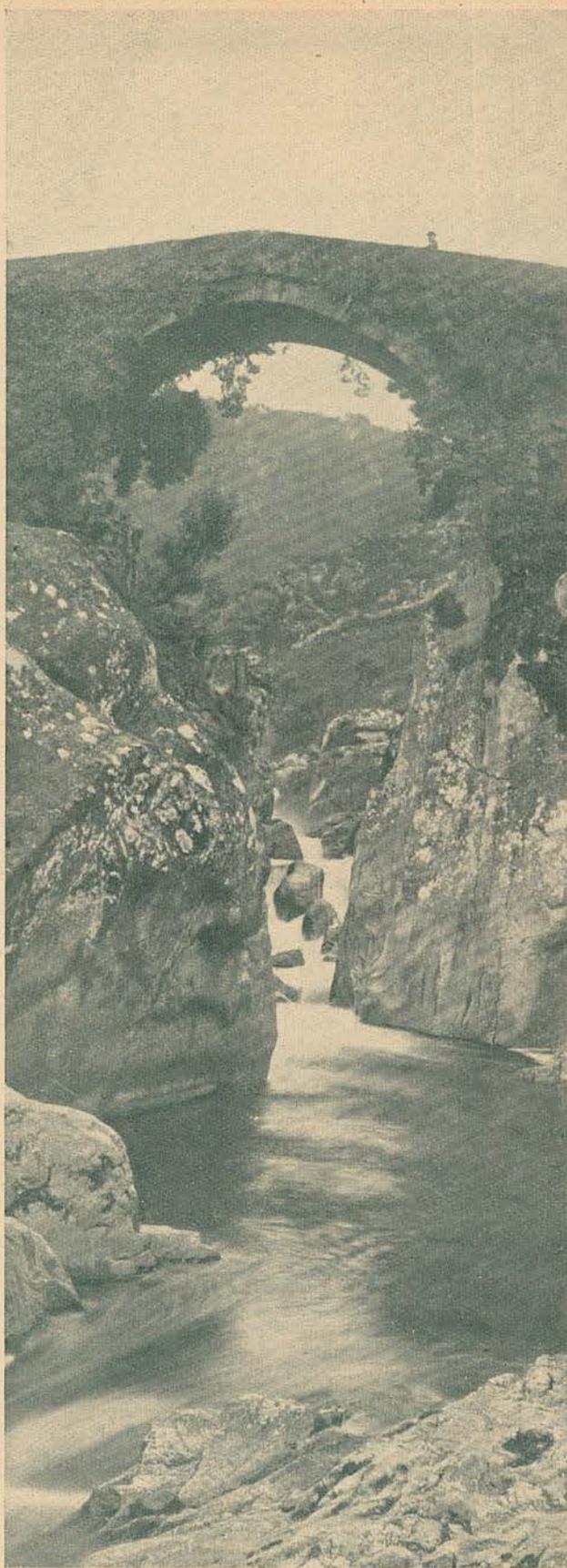
Tambem lá fomos, em rotagem sanitaria, por via dum velho-hepatismo levado no ferão palustre dum antigo mosquito alemtejjano.

Bordejando a faixa macadamizada estirando-se de Braga com ganas de chegar á fronteira, mas ha anos dormindo na Pregaça (admiravel simbolo da mandria nacional) formam dupla fila e, frente a frente, os varios predios de hospedagem e pequenas lojas de futilidades necessarias, na rectaguarda dos quais se amontoam os casebres sujos e primitivos da gente gereziana. No ttôpo da avenida, o parque das Termas, retiro fútil e amaneirado ao gosto da civilização. Um pouco áquem os balnearios de duas categorias e a famosa Côpa, capelinha milagrosa dos padecentes, com a divisa latiina: *Aegri sugunt sani* a destacar na côr umbrosa das pedras humidas da montanha, e onde o Frutuoso, servo dedicado e crente daquela Lourdes sem Bernardette, fornece ás horas regulamentares nos copos graduados o famoso tonico da saude hepatica, a escorrer da rocha numa pequena cascata limpida e quente.

Mais adiante do parque, o viveiro florestal, berço fecundo e cuidado das arvores da mata, sobre o qual paira o carinho proficiente e paternal do regente do Estado. Causam ternura e encanto aquelas miniaturas da botanica, anos volvidos convertendo-se nos robustos carvalhos de grande porte, nos pinheiros e cedros a trepar pelas ençostas, arrancando á pedra bruta o imortal direito á vida. Seguindo a estrada, pela direita, vamos para a Pedra Bela, logar de antemão assinalado na rota turistica do aquista. Levamos até lá tres lanzudos cavalos da região, rebaixados á categoria de *burros*, segundo o verbo depreciativo dos habitantes do termo, puxando uma velha *viórtia*, assim chamada, a nosso ver, por gentileza de distincção. O caminho galga em curvas mansas e suaves as asperas corcovas da serra, apertado entre a muralha granítica, que dum lado entaipa a visão e o pavor arripante dos fundos despenhadeiros onde as aguas barulham na sua descida para o vale. A ascensão alarga o panorama no circulo do horizonste. Para as bandas do Norte, já a vista atravessa e fura a garganta de Leonte. Ao sul, Vilar da Veiga, a primeira aldeia gereziana, S. Bento da Porta Aberta, capela

de ricos proventos e milagres tradicionais e, no plano mais alto, a silhueta do pano de fundo azulado, a ermida do Sameiro. A *Borrageira* e os seus satélites de pedra empinam-se a levante, onde a estrada de Chaves se vê seguir, cortando a branco o tom escuro do terreno; e o Marão, soberbo no seu orgulho, estende-se ao longe a marcar a gigantesca muralha transmontanha. Para o poente a *chã* de Lamas, extensa planura de pastagens, a *Calcedonia*, presidio lendario dos tempos cesarianos, o *cabeço da Ruína* e o *outeiro Rubio*, atraz dos quais se escondem os pequenos logares de Covide, S. João do Campo e Vilariño das Furnas, e por ultimo, a caminhar para os ares galegos, o angulo agudo do *Cabril*, frente á *Borrageira*, como disputando a esta a soberania da atitude. A descida fez-se rapida e sem tropeços.

No dia seguinte a excursão internacional á Portela do Homem, entrada obrigatoria e classica do quixotismo de Couceiro. Bifurcamo-nos sobre a espinha magra da invariavel Costa regional, e com dois companheiros da estancia e um guia vêsgo e escanzelado largamos em caravana a saudar as terras galaicas. Alcançamos a Preguiça depressa, mas não ficamos a dormir ali, como a estrada distrital. Metemo-nos pela via que a regencia florestal fez abrir devassando a serra e cortando a mata. Ao nosso lado acompanha-nos o Gerez, ou cantando murmurios de madrigal, ou retumbando rios de maldição. Encravamo-nos na guela de Leonte, e passada ela, surge-nos a *chã* com o mesmo nome de baptismo. Um paraíso verde depois dum inferno de calhaus. Toda uma geração secular de carvalhos formam mata admiravel; os regatos dão-se *rendez-vous* legando á



Gerez. Rio Rabagão. Ponte da Misarelo

terra a vida que os rebanhos comem, e um ou outro mais precipitado e impulsivo atira-se das penedias, quebrando-se em cascata ruidosa. Vamos agora entalados entre os pincares da *Bargila* e da *Corneda*, ao trote manso e facil dos rocinantes estropiados, até Albergaria. Ali um posto da guarda como unico sinal humano.

Dentro em pouco, o Homem cascaterra do soberbamente e fugindo em turbilhão entre os pilaus rochosos da Ponte Feia

Monolitos cilindricos truncados lembram o percurso da *Geira*, a via tracada da Lusitania a Roma. São *marcos militares*, a que os seculos conservam as letras das inscrições. Ha alguns dos tempos de Tito, Domiciano, Decio, Tacito e Magnencio na Portela, do dominio destes e doutros Cesares na Ponte Feia e em varios pontos da montanha.

Poi que o impulso atiliano das chuvadas na serrania desconjuntou os troncos apodrecidos das pontes, temos que atravessar a pata de cavallo as aguas do Homem no posto de S. Miguel. As alimarias não refilam á passagem serena da corrente esmeraldina, refrescando as casas escaldadas na bruteza dos calhaus.

Mais um desfiladeiro e a Portela abre-se ao nosso alcance. Uma caseta do fisco para vigiar o contrabando dos dois países. Ainda além um pedaço de pedra quadrangular assinala a divisoria fronteiriça. Marinhámos até lá, e pisamos os dominios de Afonso XIII. Perdemos a vista pelas entranhas da Galiza. Montes viuvos de vegetação cavam um vale em cuja alma deslisa um fio manso de ribeiro azulado. Procurando vida a pupila fixa o casario branco coifado de telha rubra dos logarejos proximos. São *Lobios* e *Intuime*, as visinhas aldeias raianas. Da-

mos ainda uns passos nos barrocaes estrangeiros e com uma mirada de despedida que vae até á barreira esfumada das serras distantes, voltamos para Portugal. E sem querer, ao roçar pelo marco de separação o coração tem uma palpitacão de patriotismo. Já não vemos a letra E da face norte nem sequer o numero 64 da lateral, é o P do lado sul, que deve ser Portugal, mas onde os nossos olhos leem antes Patria. Encetamos o regresso. O guia propõe-nos a volta pela longa variante de *Chã de Lamas*, para apanhar a impressão de relance de S. João do Campo e Vilarinho das Furnas. Aceitámos e daí a pouco estávamos embrenhados em plena mata. A vista afoga-se na verdura humida e edenica; o timpano vibra com a sinfonia das aguas melodioso ternuras plangentes ou orquestrando retumbancias de ecos longínquos de Beyrouth. A pituitaria goza o aroma silvestre dos pinheiros e dos variados turbulos odorosos elevando a Pan a reverencia dos seus perfumes, e o gosto sacia-se aos sorvos frescos do cristal liquido, a jorrar das penhas em veias perenes e inesgotáveis.

E a quinta sensação? Mas para essa falta-nos uma Eva, mesmo despida pelos vestidos da ultima moda e sem maçã nem serpente tentadora. O sonho ainda dura algum tempo. Depois novas gargantas e despenhadeiros. A certa altura os animalejos fazem grêve. Para encurtar tempo e espaço o guia desviara-se do trilho acostumado e a subida da montanha fazia-se pela escadaria irregular e anfractuosa dos penhascos. E os cavallitos entendem, e entendem bem, que não são obrigados a habilidades de Coliseu. Temos que arripiar caminho e voltar á vereda dos seus antigos conhecimentos.



Gerez. Cascata das Caldas

Daí a pouco estamos a prumo quasi sobre a torrente do Homem, a alagar já as veigas ferteis de S. João do Campo e Vilarinho das Furnas, dois montões de casas toscas, com entradas de pontes romanas em cima dos braços fluviaes. Novas vertentes, depois o regale pastoril da *Chã de Lamas*, e começa a descida. No fundo do vale, luminosos pontos electricos chamam-nos ao conforto da civilização. O luar, bom amigo, é o nosso holofote p'ra travessia serrana. E quando a sineta do hotel, pontual e implacavel, avisava os aquistas metodicos e regulares da hora do chá, sentava-mo-nos á meza com o esfomeado apetite do jantar.

Decorrem os ultimos dias do ano. A amavel gentileza do dr. Portocarrero de Lousada livra-nos do regresso num caminho carvoeiro que leva ao volante uma embirrante bebedeira do *verdasco*, por uma noite chuveisquenta e incomoda. No dia seguinte fez-se a partida num *Berliet* civilisado e de confiança. Dizemos adeus ao *Banco do Ramalho*, que o cinzel de Raul Lino e a dedicacão de amigos modelaram na rocha predilecta da meditacão do escritor. E seguimos rapidamente a fita macadãmisada. Mais alguns quilometros e cortamos a meio Vilar da Veiga; veem depois os pontos do Cávado e Caldo, Valdozendo, o ponto superior da estrada, Paradela, o berço famoso do bom vinho verde da região, Dornas, Amares e Feira Nova, nesse dia no movimento do seu mercado semanal. E já estamos no Bouro, o meio caminho e a classica paragem.

Mais outro tanto de caminho e estamos em Braga. Despedidas afectuosas e reconhecidas ao nosso illustre amigo e sua esposa e saltamos para um carro do Bom Jesus.

VICTOR MENDES

O Rossio é o coração de Lisboa, um coração cheio de cicatrizes, denunciando sofrimento longo, lento, calculado. Lisboa é o Rossio, Lisboa política, Lisboa que não pensa, Lisboa que procura um emprego, que se revoluciona, que faz manifestações, que vai a casa dêste, daquêle, lêr-lhe mensagens, notas.

O Rossio tem desde ha muito tempo opiniões politicas. Começou a existir, a viver, a pulsar, a vibrar, nos tempos de Afonso III e daí para cá, a sua importancia tem aumentado, todos os dias, sempre. Começou por ser ninguem. Uma cerca, um monturo, cesto de coisas inuteis, visinho do Convento de S. Domingos. Depois rodearam-no de casas e porque era sitio proprio para atrair o comercio da cidade e porque o Tejo lhe fica fronteiro, logo pessoas de grossos cabedais fizeram ali os

seus armazens, atraindo as vistas dos estrangeiros e de todas as outras

creaturas que precisavam de Lisboa, que viviam de Lisboa, que se alimentavam com Lisboa. Os fidalgos auxiliaram tambem o seu principio de vida, mandaram construir junto dêle seus palacios. O Rossio começou a ter importancia, a vestir-se melhor,

a ser procurado, a ser consultado. Começou a ter um aspecto grave e hospitaleiro,

e o povo de Lisboa, não tendo outro largo melhor situado para seus divertimentos, começou a visita-lo mais demoradamente e depois a viver com ele sempre, todos os dias.

Primeiramente visitou-o só durante as festas, perdia a noite ali, dançando, cantando, gemendo fados, queimando alecrim e comprando a sina, para saber qual era o nome da que devia ser sua companheira.

As circumstancias da vida do povo modificaram essa amizade e assim o Rossio, que só era visitado de tempos a tempos e depois da visita anunciada, começou a ser acompanhado todas as noites por aqueles, a quem a noite não protegia. Os seus bancos tornaram-se camas. O Rossio tomou aspecto diferente. Altas-horas, era certo encontrar vultos deitados nos seus bancos, encostados uns aos outros, amparando-se, protegendo-se, unindo-se porque o frio era de comer os ossos e assim talvez o sentissem menos.

Triste e miseravel espectáculo. Os esfomeados, deitados nos bancos, esfarrapados, esqueléticos, feriam o negror da noite. Eram manchas de tragedia, vultos escuros, destacando-se na noite, perfilando-se na noite, aumentando o cortejo das sombras, aquele cortejo que é animado, vivificado pelo côrvo do destino, um côrvo gigantesco, negro, cujo olhar dilacera, rasga, amesquinha e dá ás coisas o aspecto indeciso de quem vai tombar no abismo...

O Rossio-politico tem outra expressão, desconfiada, vaga, indecisa, perdida. Não tem trajetoria definida. Não tem movimento, não tem cerebro. O Rossio-politico não passa duma manifestação. Agita-se, move-se muito, tem aspecto de onda encapelada, furiosa, a rugir na tormenta, a desfazer, e depois quebra-se repentinamente. Toda aquela vida, toda aquela agitação, todo aquele

murmurio é falso, não tem alicerces. Vive só dentro dos cafés. É uma tradição que se tem mantido e que muitos politicos, para seu uso interno têm agitado consoante a sua vontade. O Rossio tem o seu companheiro inseparavel: o boato. Vive com êle, vive dêle, passam juntos todas as horas, num abraço longo, perturbador, significativo. Ventre de todas as discor-

dias, o boato necessitava instalar-se em sitio muito visitado, procurado. Escolheu o Rossio e nunca mais o deixou, mandando nêle, ordenando-lhe sempre seus desejos. O Rossio obedece e espalha-o, dá-lhe vida, apresenta-o nas suas esquinas, avoluma-o e reparte-o pelos diferentes carros, Graça, Poço do Bispo, Estrela, Algés, Bemfica... atirando-o para todos os cantos da cidade.

Quando a noite chega, o Rossio toma vida diferente, anima-se, discute, cumprimenta este e aquele, enche os cafés, reúne, faz manifestações, tece entusiasmos novos, grita. O seu aspecto indica-nos a altura das crises ministeriaes, se está longe ou não, se se vem perto e muitas vezes até nos descobre a sua razão.

A DESCOBERTA DE LISBOA NO ANO DE 1921 VII — O ROSSIO

Os mortos, porque vão frios, palidos, teem já o pensamento para Além de todas as curvas e para mais distante de todos os horisontes.

diferente. Foi um café de estudantes. Hoje é um café de toda a gente e de ninguém.

Ha corpos que se arrastam no Rossio como o homem das cautelas sem premio, atiradas á rua, minutos após o andar da roda...

A maior parte das creaturas que atravessam o Rossio, são cautelas brancas do grande bilhete da vida. E' uma questão de sorte.



As obras de Santa Engracia ou as torturas do Rossio

Quando está aberto S. Carlos, os criados que voltam dos cafés e atravessam o Rossio vestidos de *smoking*, parecem-nos que assistiram á opera num camarote oferecido. Confundem-se com a multidão que sai: esta vai para casa, eles para os cafés.

Os garotos dos jornaes são verdadeiros jornaes, teem artigos de fundo nos fundilhos das suas calças velhas e esfarrapadas; cronicas financeiras, cronicas geralmente erradas nas contas que dão em casa e noticias da ultima hora nos seus jornaes, sempre atrevidos e fóra de todo o proposito.

Ha muitos cafés no Rossio: cafés diferentes, desiguales.

O Gelo que chegou a ter expressão, a ser unico, modificou-se vestiu-se de novo. Fez obras, pintou-se, tornou-se diferente, desconhecido. Os cafés mudam conforme as pessoas, conforme os vestidos dessas pessoas, O Gelo é



Um desiludido

Para onde iriam aquelas arvores que vestiam o Rossio e que tinham apertado no seu tronco umas etiquetas brancas, dizendo-nos que não era bonito bolir com ela, riscal-as, cortal-as a golpes de machado? Uma noite elas desapareceram abandonando o Rossio. E as etiquetas? Estarão a apertar outros troncos, protegendo-os.

Um quiosque que vivia no Rossio levou muitos dias a ser arrancado. Era como esses dentes velhos, grandes, de muitas raizes que os dentistas levam muitas horas a extrair e que deixam um alveolo fundo, uma caverna escura misteriosa,

O Rossio perde todo o seu aspecto no Carnaval.

Na quarta-teira de cinzas afivela novamente a sua mascara vermelha.

Augusto D'ESAGUY

A MULHER LISBOETA



A mulher *alfacinha* desabrochou.

Levou tempo, não ha duvida, mas finalmente, plena flôr em plena vida, duma coloração e duma forma inconfundiveis, a mulher *alfacinha*, a minha patricia, desabrochou.

Creio que ando mal, comparando a lisboeta a uma flôr; ando mal sim: ela é antes a borboleta suave que veio da feia e estagnada crisalida.

Sim, é isso: crisalida.

Pois que outra coisa não foi a sua vida embiocada durante anos e anos?

Aquelas densas gelosias ferozes de arabismo, aquelas espessas mantilhas de renda negra, quasi opâcas, tresandando a pecado de sacristia,

aquele isolamento, o que foram senão o viver de crisalida?

Ainda mesmo, quando nos bailes de côrte, ou em festas de ar-livre, bem poucas entretanto, elas continuaram crisalidas.

Nos salões doirados e *rocôcô* dum Luiz XV meio profano, meio monastico; nos coches de gala, nas pesadas estufas, ou nas sufocantes cadeirinhas, elas eram sempre crisalidas.

Os castulos mais ou menos doirados, mais ou menos exibicionistas; mas elas, coitadas, depois das festas, volviam á paz morna dos terços resados em côro, e dos laivos femininos.

Pobres borboletas em botão; que tempo levaram a surgir na vida!

Que tempo!!

E afinal não tenho rasão de maguas, seria ridiculo e hipocrita, visto que, lisboeta de hoje, vivo a Lisboa de hoje e fruo o prazer enorme de viver a rua da minha terra (rua tam feia, que todas as ruas somadas são um *beco-da-triste-feia*) mas, em compensação, tam cheia de mulheres bonitas.

Sim porque, oiçam bem, as minhas patricias são lindas.

Reparem bem para elas.

Em geral, baixas, com um não sei quê de fragil e ao mesmo tempo, elástico; dum *potelé* que não demasia; donairoas no caminhar; olhos que são paixões, cabelos dum tom modesto que não berra oiro, que não fatalisa tréva, bôcas que são pecados; e a pé!

Descreva-me, alguém, se o ousa, a côr da pele das *alfacinhas*!

Não é a pele nacarada, em transparencias de concha, das mulheres dos longuios Narnégas; não tem o rubido e irritante ar sadio, das holandesas; não é morbida de palidês nem tem o moreno vicioso das italianas e das espanholas.

Não é nada disso; e faltando-me absolutamente forma de descrever precisamente essa linda pele, se me arvorasse o direito de inventar uma côr que desse ao sentido da vista as sensações simultaneas de arôma suave, macieza subtil, sabôr misterioso e harmonia intangível eu diria que ela era côr-de-pele da mulher lisboeta.

Que é vago isso?!

Vago o quê? Então não se diz côr-de-rôsa?

Querem mais vago ainda do que côr-de-rôsa, se as rosas são rubras, amarelas, brancas...?

Fica então assente, não é? A tal côr indissolvel passa a chamar-se côr-de-pele-da-mulher-lisboeta.

Longos anos em crisalidas doentias, fizeram triumphal renascimento e agora é vê-las, borboletas bizarras em colorações de luz,

voejando pelas ruas, pelos *magazines*, poisando aqui a colher o melaço duma *tartine*, acolá sôbre a flôr esquisita de algum chapeu modelo, nas lojas, nos electricos, nos teatros, aos pares, aos ranchos, aos exames... Lindas patricias minhas, lindas de entontecer!

Por certo que os demonios ao tentarem Santo Antonio não se *incarnaram* num ranchinho de *alfacinhas* como aquele que além pâssa agora em frente dos Martires, porque se o tivessem feito, ai, Frei Antonio de Bulhão, que a santidade onde iria a estas horas!

Depois, têm um arzinho de modestia infantil que nos pica a curiosidade.

A's veses, dum enxame, extra-viam-se algumas junto do mostruario dalguma loja, mas brêve, em saltitar azorotado, lá se juntam ás outras e lá seguem, num andar miudinho e donairoso, zumbindo suavemente conversas que parecem confidencias.

Que a lisboeta não é pipilante como a parisiense. Aquela Praça da Opera, de antes-de-guerra, ás 7 da tarde era como as arvores da nossa Avenida ao entardecer, tal era o ruido agudo dos risinhos dos gritinhos, dos *au revoir* sibilados de fugida.

As *alfacinhas* não pipilam, ruflam. Dir-se-ia que as palavras se tornam veludo ao passarem pelos labios de veludo.

Depois, algumas, a grande maioria direi, com aquelle incipiente buço, uma penugem tam suave que não faz sombra, apenas uma leve penumbra tentadora se destaca no fundo alvo da pele, a tal pele da tal côr indissolvel!

As minhas patricias lindas!

Há quem me assopre insidiosamente que elas não sabem nada do *arranjo da casa*.

Calate lá hipocrita, o que tu tens é inveja de não seres amado por elas.

O *arranjo da casa*!?

Quem é que, hoje em dia, pretende que a *sua mulher* seja a *dona de casa* de 1880, com carrapitos e o *noivado do sepulcro*, sempre a tecer—Penelope incansavel—uma coberta de cama, a lã branca com fartas rosetas hisurtas?

Quem terá a criminosa ideia de querer transformar a *sua mulher* num mecanismo com varios *registros*: passajar peugas, fazer ovos estrelados, pregar botões etc.?

A mulher actual tem mais alta missão a cumprir: defender-se da concorrência; e para isso, para não ser preterida no emprego ou mesmo no matrimonio, tem que ser mulher em todo o atrativo das suas graças.

Tem que saber visitar e calçar, tem que descer á frivolidade de fingir gostar de tal ou qual coisa que no fundo detesta, e a respeito de prendas saber enfeitar uma mesa de almoço, temperar em gesto harmonico uma chicara de chá, abrir com meiguice as paginas dum livro novo de Antonio Ferro e, principalmente, não entortar os tacões; e olhem bem, meus amigos, quão difficil isso é com o pavimento das ruas de Lisboa.

Pois a minha linda patricia, a lisboeta da gême, além de todas as prendas necessarias ao actual *struggle for life*, consegue o prodigio de não entortar os tacões... de andar direito por pavimentos tortos...



D. TOMAZ DE ALMEIDA

Desenhos de BERNARDO MARQUES

MEMORIAS DE SUA ALTEZA O DUQUE DO PORTO

PUBLICAÇÃO AUTORIZADA PELA SENHORA DUQUEZA DO PORTO

(CONTINUAÇÃO)

*DOS besos tengo en alma
Que no se afastan de mi:
Lo ultimo de mi madre,
Lo primero que te di.*

A Princesa passou muitas noites em claro para lhe conseguir um sono reparador e prolongado.

Na sua mocidade dançara um pouco, mas não apreciava a dança. Não gostava de namoros; o seu nome não foi mencionado como famoso, em referencia a nenhuma mulher nova e nunca teve outra grande paixão que não fosse a do longo romance que terminou pelo casamento com a sua adorada «Princesa».

Houve varias intrigas para ocasionar uma rutura com a sua amada, mas esse par que tão bem se compreendia continuou o seu caminho, sem se preocupar com os outros.

Todos os dias, durante meses, ás dez horas da manhã, ia ter com ela, carregado de flores e frutos e ali ficava até á meia noite, hora a que se fechavam as portas do palacio

A respeito de casamentos houve uma ocasião em que ele se viu em grande perigo de ser casado contra sua vontade. Andava viajando, nesse tempo, com a Rainha Maria Pia, pelas côrtes da Europa, e ao ver o aspecto que as coisas iam tomando, escreveu ao irmão contando o que se passava.

D. Carlos telegrafou-lhe dizendo:—«Não te deixes prender, não foste feito para isso.»

A mãe amava-o muito para o apoquentar, e portanto não lhe falou mais no assunto, apesar de muito desejar ve-lo casado.

D. Afonso nunca pediu em casamento ninguém senão a Princesa Maria (1), inglesa de nascimento, com quem se casou aos cincoenta anos.

Não era para admirar que as mulheres gostassem dele, bonito, robusto e atraente como era, sem manchas da estroinice no passado.

A Rainha Maria Pia aprovava a idéa do casamento dele com a Princesa, mas não chegou a vê-lo realiado.

CAPITULO V

ANEDOTAS

ESTE capítulo é todo anedótico; contam-se nele varios factos curiosos da vida de D. Afonso, alguns absolutamente inéditos. Espero portanto que interessará os leitores.

D. Afonso era sempre quem ia representar: D. Carlos nas cerimoniaes das côrtes estrangeiras; coroações, casamentos, nascimentos e mortes reaes, tinham, em geral, a presença do Infante.

Por ocasião do casamento do príncipe real alemão, o Infante encontrava-se no palacio de Berlim como hospede do Imperador: Guilherme; foi ali tratado com todas as honras e atenções que lhe eram devidas. O Imperador tinha tido até a gentil ideia de colocar numa das paredes do salão dos aposentos do Infante um esplendido quadro pintado pelo



O ultimo retrato dos Principes, poucos menses antes do falecimento de D. Afonso.

(1) Por ocasião de ser recebida na igreja catolica, a Princesa tomou o nome de Maria Pia Marguerite Emanuela Michele Gabriela Rafaela Lucia.

rei D. Carlos e que este oferecera a Guilherme II por ocasião da sua estada em Lisboa.

Parecia, pois, ser recebido como amigo muito estimado. Por isso D. Afonso experimentou uma sensação de grande e justificada surpresa ao ser-lhe apresentada, pelo Mestre de Cerimonias, uma conta das despesas feitas consigo e com o seu sequito, durante a sua permanencia no palacio. Subia a conta a milhares de libras.

E' curioso notar que esta soma foi uma das que o governo da Republica reclamou a D. Afonso, depois do exilio da Familia Real. De facto, eram esta e outras despesas feitas quando representava o irmão nos cerimoniaes régios das côrtes estrangeiras que formavam os célebres *adiantamentos*, os quaes bastariam para arruinar toda a Familia Real se tivessem sido pagos.



Depois do regicidio. D. Manuel-Rei, junto de D. Afonso, Principe Real. Na frente o Marquez de Faial

Já falámos por várias vezes da pericia de D. Afonso em guiar toda a espécie de veiculos. Em Cintra, ainda Infante, costumava este principe sair num pequeno carro com oito cavalos e mulas atrelados uns aos outros, numa comprida fila. Claro que não podia dirigir com as redeas senão os quatro ou cinco mais proximos, de maneira que trazia habitualmente muito cascalho na carruagem que atirava aos cavalos da frente para os fazer voltar, acertando-lhes na esquerda ou na direita, conforme desejava.

E' evidente que estes animaes eram todos muito mansos, senão não se submeteriam a esse tratamento.

Na sua passagem pelas ruas de Lisboa, tudo se afastava, abrindo-lhe caminho; peões, carruagens e cavaleiros.

Costumava dar esta ordem ao seu cocheiro:

— Daqui ao teatro de S. Carlos não quero que leves mais do que oito minutos. Não faças caso das pedras, nem do pó, nem das galinhas, mas não mates nada maior.

Um dia ia de automovel, quando viu uma grande multidão na sua frente. Saiu do carro, dirigiu-se para a turba fazendo-lhe sinal com a mão para que dispersasse. Foi o bastante. Toda aquela gente desapareceu como por encanto, deixando o caminho livre.

O Infante tinha um cavallo chamado *Mercurio* de que gostava muito. Um dia esporeou-o impensadamente; o cavallo, que era um animal de raça, nunca

esqueceu a injuria, atirando-o ao chão cinco vezes depois disso. Por fim a Rainha Maria Pia não se conteve e admoestou-o: «Afonso, Afonso, não montes o *Mercurio*; mata-te!» O Infante replicava: «Ou eu o mato ou serei morto por ele.»

Este cavallo era muito vicioso. Duma vez chegou a empinar-se dando uma pancada tão forte no peito do Principe que o atirou ao chão, sem sentidos. D. Afonso acabou por vende-lo pela somma de dois contos de réis, para socegar a mãe.

Contam-se muitas historias da coragem de D. Afonso. Estando em Cascaes, salvou uma rapariga nobre que estava em perigo de morrer afogada; para isso teve de se conservar muito tempo debaixo de agua, visto que a senhora estava enleada nas algas da baía. Todos ficaram entusiasmados, só ele se conservava impassivel

e silencioso; o aplauso intimidava-o, pois não via nada de extraordinario no que acabava de fazer.

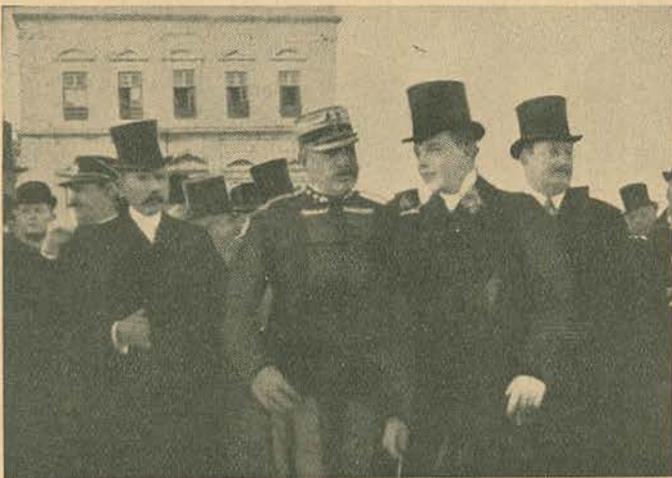
Possuía uma grande resistencia contra o sofrimento. Numa ocasião em que fôra convidado por D. Carlos para lanchar, teve um desastre de automovel no caminho. O ajudante foi atirado para a estrada,

fracturando os braços e D. Afonso ficou preso debaixo do automovel por meia hora. Ao fim deste tempo, voltou o *chauffeur* com socorros e levantaram o carro. O Infante logo que voltou a si tomou uma carruagem e teimou em seguir o seu destino.

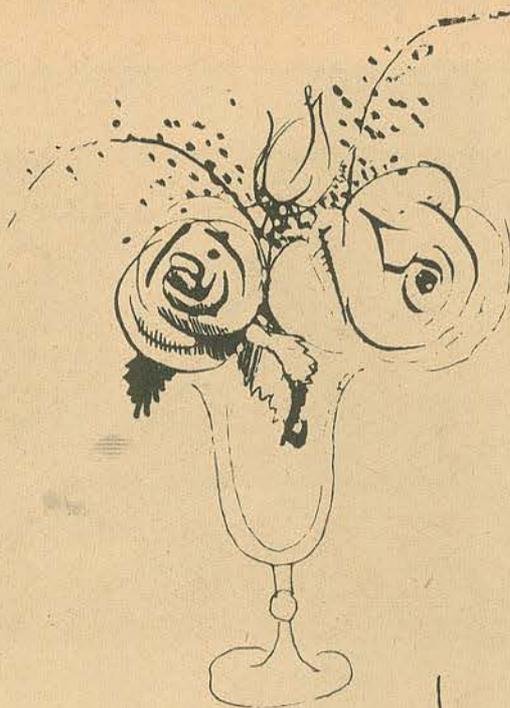
De outra vez o cavallo em que ia montado tomou freio nos dentes e foi de encontro a uma arvore, caindo D. Afonso, que vestia o grande uniforme, e ficando muito ferido pelo capacete que lhe magoou a testa, fazendo-lhe um profundo golpe.

Levantou-se rapidamente, sorrindo, atou uns poucos de lenços na ferida para estancar o sangue e de novo continuou o seu caminho, aparecendo á noite num baile da côrte como se nada tivesse acontecido.

Todos estes factos tornavam-no muito querido do valente povo portuguez e faziam dele o membro mais popular da familia real.



Poucos momentos antes do assassinio de D. Carlos. D. Afonso e D. Manuel aguardando o Rei



A FLOR

Ao Joaquim Graça

—Je travaille tant que je peux et le mieux que je peux, toute la journée. Je donne toute ma mesure, tous mes moyens. Et après, si ce que j'ai fait n'est pas bon, je n'en suis plus responsable; c'est que je ne peux vraiment pas faire mieux.

Henri Matisse.

Pede-se a uma creança: Desenhe uma flor! Dá-se-lhe papel e lapis. A creança vae sentar-se no outro canto da sala onde não ha mais ninguem.

Passado algum tempo o papel está cheio de linhas. Umhas n'uma direcção, outras n'outras; umhas mais carregadas, outras mais leves; umhas mais faceis, outras mais custosas. A creança fez tanta força em certas linhas que o papel quasi que não resistiu.

Outras eram tão delicadas que apenas o pezo do lapis já era demais.

Depois a creança vem mostrar essas linhas ás pessôas: Uma flôr!

As pessôas não acham parecidas estas linhas com as de uma flôr!

Comtudo, a palavra flôr andou por dentro da creança, da cabeça para o coração e do coração para a cabeça, á procura das linhas com que se faz uma flôr, e a creança pôz no papel algumas d'essas linhas, ou todas. Talvez as tivesse pôsto fóra dos seus logares, mas, são aquelas as linhas com que Deus faz uma flôr!

Os Artistas Catalães



Fotografia tirada depois do almoço oferecido na Legação da Espanha aos artistas catalães



Os convidados no jardim da Embaixada

(Clichés Salgado)

ACTUALIDADES



O chefe do Estado depondo um ramo de flôres no Monumento dos Restauradores



*Destroços do prédio da rua Correia Teles que desabou ultimamente
(Clichés Garcez)*



A comissão central de padrões da grande guerra.—A primeira reunião na Escola de Guerra a que presidiu o sr. general Gomes da Costa e a que assistiram, entre outros oficiais, os srs. coronel Sá Cardoso, tenentes-coroneis Pires Monteiro e Alvaro Pope, capitão de fragata Afonso Cerqueira e o capitão Antonio Maia

(Cliché Salgado)



A sr.^a D. Maria Albertina Pinto da Costa, falecida em 28 de Outubro do corrente ano, irmã do ilustre jornalista sr. Julio da Costa Pinto



O pintor Augusto Gama que realisou uma exposição na «Bobone» acompanhado pelo seu mestre, o pintor sr. José Malhoa

SOLDADO DESCONHECIDO ITALIANO



A chegada do cortejo à Praça Veneza, em Roma.



fourgon funebre



S. M. el-Rei e S. A. R. o Duque de Aosta, seguindo o ataúde.



O cortejo nas ruas de Roma